

Cadernos Macambira
V. 5, Nº 2, 2020. Página 115 de 448. ISSN 2525-6580
Anais do I Congresso Internacional Online de Educação Profissional, Territórios e Resistências - I CIEPTER – 21 a 30 de setembro de 2020.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas, Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
http://revista.lapprudes.net/

Grupo de Diálogo 03: Educação Profissional e Tecnológica, Trabalho Associado e Economia Solidária.

Entre leiras: a conquista da liberdade através do trabalho nas formas de produção não capitalista

Uilma dos Santos Ramos, Instituto Federal Baiano de Educação Ciência e Tecnologia - Catu – BA – Brasil. E-mail: uilmanega@hotmail.com;
Heron Ferreira Souza, Instituto Federal Baiano de Educação Ciência e Tecnologia - Catu – BA – Brasil. E-mail: heron.souza@ifbaiano.edu.br.

> Liberdade, autonomia e democracia são conquistas de uma classe, a burguesia, a emancipação de toda a humanidade coloca-se como projeto do proletariado (...) os conceitos são históricos como os acontecimentos que lhes dão conteúdo, o que deixa em aberto a possibilidade de o sujeito revolucionário ressignificar a liberdade... (RIBEIRO, 2010, p. 264).

Palavras-chave: Educação Profissional e Tecnológica, Trabalho Associado, Economia Solidária.

INTRODUÇÃO

O presente relato constrói-se a partir do processo de desenvolvimento de uma dissertação de mestrado, é composto por trechos da discussão teórica, por um resumo do caminho metodológico, a descrição parcial da experiência com os(as) trabalhadores(as)-agricultores(as), bem como os primeiros achados que constituirão esse estudo, até o presente momento denominado: *OS SENTIDOS DO TRABALHO NA HORTA COMUNITÁRIA EM IPIAÚ-BA: DAS EXPERIÊNCIAS E EXPERIMENTAÇÕES AO TERRITÓRIO EDUCATIVO.* Com a construção desse relato tem-se como finalidade socializar os primeiros achados e discutindo sobre eles, ampliar, fortalecer e ou revisar as discussões, acrescer a base teórica que ancora as concepções construídas ao longo do processo e evidenciar a importância de práticas como estas para que a Educação Profissional e Tecnológica amplie espaços de estudos e aprendizagens e problematize os sentidos do trabalho.

A submissão do mesmo ao I Congresso Internacional Online de Educação Profissional e Tecnológica, Territórios e Resistências, deve-se a estreita relação entre o tema geral do congresso e a temática que está sendo desenvolvida na dissertação, este encontro é adubo para as sementes e mudas plantadas com as discussões sobre trabalho, formação humana, liberdade e solidariedade.

A concepção que direcionou a construção e posterior aplicação do projeto de pesquisa que dá origem a esse relato é a de que o trabalho atrelado às formas de produção não capitalistas e que se aproximam do sentido ontológico desta atividade tem grande potencialidade para formar humanamente. Ou seja, que espaços específicos de trabalho, assim como outros "espaços da vida" possibilitam reflexões e a conscientização que libertam e contribuem para essa humanização. A constatação desta concepção e a observação da mesma materializada na Horta Comunitária de Ipiaú, transformam esse território, e outros que vivenciam a mesma proposta, em espaços pedagógicos que contribuem para aproximar educadores, estudantes e técnicos da EPT de outras formas de vida e trabalho, contribuindo para que essa modalidade de educação seja pensada para além do que impõe as noções capitalistas.

O local da experiência relatada era um pedaço de terra improdutiva que há 36 anos começou a produzir, surge no contexto de resposta alternativa aos limites da sociedade capitalista e a partir de reivindicação por emprego, foi projetado pelos governantes da cidade e tinha como objetivo ampliar as possibilidades de trabalho numa sociedade que sofre as consequências da crise da monocultura cacaueira. Pensada inicialmente para que apenas mulheres trabalhassem e complementassem o "pão trazido pelos esposos", fazendo assim, "o pão e meio", a horta comunitária é hoje um espaço onde famílias inteiras e de composições diversas dividem a terra para a produção. Contudo, é visivelmente um universo comandado pelo feminino e o "meio pão" que iria produzir se transformou em principal e/ou única fonte de renda da maioria das famílias. Há famílias inteiras (mulheres, esposos, filhos e netos) trabalhando numa mesma área, mas há pessoas que trabalham sozinhas e há aqueles que conseguem partilhar sua pequena área com amigos que também querem "ganhar a vida".

Este espaço quando começou a transformar-se em horta situava-se numa área isolada, despovoada, hoje separa urbano e rural e tem uma paisagem mista ao seu redor, elementos dos dois ambientes compõe as fotografias tiradas a partir da horta. Contudo, para agricultoras e agricultores "ali" é a "roça", é assim que veem o seu lugar e esse é mais que o endereço do trabalho,

é o lugar da liberdade e emancipação, do reencontro com a terra, do encontro e trocas solidárias, da transmissão de saberes entre gerações. A Horta Comunitária de Ipiaú está num terreno público, gerenciado pelo município e cedido a famílias que desejam produzir para sobreviver. A área total é de quatro hectares e atualmente divide-se em 40 lotes, alguns ocupados e em plena produção, outros cercados e abandonados, há espaços de convivência coletiva e estruturas necessárias ao trabalho que são comuns a todos, como a bomba d'água e a antiga área coberta, construída para expor e vender a produção.

A respeito dos vínculos, observou-se que os mesmos foram construídos de duas maneiras, temos as relações e acordos que envolvem o grupo como um todo e temos vínculos mais restritos que extrapolam os acordos do coletivo e que estreitam ainda mais a relação entre uns e outros agricultores, umas e outras agricultoras, nestas a solidariedade e cooperação estão mais latentes.

Os sujeitos do processo se denominam agricultoras e agricultores, construíram saberes no trabalho com a horta, o que neste relato é evidenciado. Todos eles contam ter nascido no campo e se iniciado no mundo do trabalho muito cedo ao acompanharem seus familiares na lida com a "roça". Ouvi destas pessoas que suas famílias eram empregadas nas fazendas da região e eles cresceram lidando com a terra, em certo momento da vida afastam-se deste tipo de trabalho, mas retomam suas vivências com a oportunidade de trabalhar na horta que, se constituiu como um território de reafirmação da identidade. Essas agricultoras e esses agricultores deixam claro sua preferência pelo que estão fazendo e expressam as razões: falam sobre trabalhos anteriores recordando baixos salários, exploração, jornadas extensas, cobranças e dizem ser a horta um espaço muito melhor para trabalhar, falam sobre a liberdade conquistada, a autonomia e as relações construídas.

Pensando nos valores que emergem desta experiência pode-se trazer a ressignificação do trabalho e consequente ação de decantar essa atividade com um sentido muito diverso daquele imposto pelo capital. A experiência relatada se sustenta em discussões teóricas de caráter progressista, traz o conceito de trabalho a partir de seu sentido ontológico e mostrando como o mesmo tem seus significados descontruídos e reconstruídos a partir de contextos históricos/sociais. Desse lugar, e a partir de Marx (2013), trabalho é a atividade que produz a diferenciação entre homem e outros seres quando este age sobre a natureza adaptando-a, agindo sobre a natureza o homem torna concreta a potencialidade que há em si de humanizar-se e ir continuado a existência, é ao trabalhar que o homem se converte em "*homem",* e *"homem*" vai movendo a vida.

Pensando o trabalho como potencial formador do homem esta discussão está imbricada com a discussão sobre formação humana que é ressignificada e tem o processo pensado a partir de propostas de Freire (1987), de Adams e Streck (2012), Saviani e Duarte (2010). Pensando essa formação, os primeiros pontos são as dimensões que caracterizam o exercício de construção do conhecimento, esta precisa ser coletiva, dialógica e emancipadora, outros pontos são a articulação entre teoria e prática, a relação do mesmo com a conscientização sobre o lugar social que ocupa e o espaço no qual o sujeito está inserido, a compreensão histórica e social da situação, ou seja, a transferência desta para pensar a própria vida. Essa compreensão histórica e social também vai sustentando um entendimento mais amplo sobre o que é ser "formado" num processo conduzido a partir da valorização dos saberes de todos e da descoberta coletiva do novo, diante disto não há uma figura superior que detenha o conhecimento

DESENVOLVIMENTO

Falar sobre o processo vivido é sempre um exercício mental frutífero, retomar as experiências possibilita fazer novas relações, aprofundar entendimentos, construir e reconstruir ideias, a atividade de relatar exige essa retomada. Bem, a proposta concebida trazia um desenho metodológico esquematizados em etapas bem definidas e pontuais., coo demostrado no quadro 1.

Contudo, a realidade encontrada vai impondo um ritmo e uma estrutura que fogem a parte da organização prévia, o encontro com todos, pontual e no espaço coletivo da horta, atrapalhava a dinâmica de plantio, cuidado e colheita, eles estão na horta a trabalho e em horários diferentes. A etapa de coleta de dados que aconteceria com o coletivo de agricultores e agricultoras precisou desenhar-se novamente, os encontros coletivos das etapas 4 e 5, transformaram-se em momentos de conversa a dois ou três, o pesquisador e mais um ou dois agricultores ou agricultoras.

Os momentos foram gravados em áudio por uma assistente convidada para acompanhar estes encontros, que aconteceram na horta e enquanto o povo trabalhava. Andávamos entre as leiras, íamos até os tanques de água, afofávamos a terra, fazíamos buracos, colocávamos sementes e mudas, tudo isso enquanto regávamos as palavras e histórias com saborosos cafés e chás. As dimensões que seriam trabalhadas separadamente passaram a compor um quadro único, os agricultores narravam suas histórias e nestas falavam sobre o sentido do trabalho, sobre a forma de se organizarem e os saberes de como trabalhar com a terra.

Quadro 1. Resumo do Processo Metodológico

Método Filosófico: Materialismo Histórico Dialético.			
Concepção Metodológica: Dialética			
Objeto: O trabalho na horta comunitária de Ipiaú			
Abordagem Qualitativa	**Método Procedimental**: Sistematização de Experiência		
Coleta de dados - Síntese do Processo de Sistematização			
Momento	**Ação / Dimensão Temática**	**Ferramenta**	**Nº de encontros/ carga horária**
Contato Inicial Etapas 1 e 2 do processo de sistematização.	Apresentação da Proposta de Sistematização Pactuação com os participantes da pesquisa Assinatura do TCLE	Roda de Conversa coordenada a partir de roteiro e registrada com vídeo.	1 de 1h a 2h
Etapa 3 do processo de sistematização.	Construção da Linha de tempo da Horta comunitária. (Recuperação e organização cronológica dos fatos)	Roda de Conversa coordenada a partir de roteiro e registrada com vídeo.	1 de 2h
Etapas 4 e 5 do Processo de Sistematização.	Dimensão da Organização Coletiva e Trabalho associado.	Roda de Conversa coordenada a partir de roteiro e registrada com vídeo.	2 de 2h
Etapas 4 e 5 do processo de sistematização	Dimensão Socioeconômica e autoconsumo da produção	Roda de Conversa coordenada a partir de roteiro e registrada com vídeo.	2 de 2h
Etapas 4 e 5 do processo de sistematização	Dimensão Produtiva (aspectos agroecológicos e/ou ambientais)	Roda de Conversa coordenada a partir de roteiro e registrada com vídeo.	2 de 2h

Esse processo, a despeito da mudança na organização dos passos, é inspirado na Sistematização de Experiência que é "instrumento para a prática transformadora, [...]. Sistematizar implica compreender, registar, ordenar de forma compartilhada, a dimensão educativa de uma experiência vivida. (HOLLIDAY, 2006, p.7). As narrativas dos agricultores e agricultoras, que eram orientadas por questões elencadas anteriormente e organizadas a partir de uma temática específica (Dimensão da Organização Coletiva e trabalho associado, Dimensão Socioeconômica e autoconsumo da produção e Dimensão Produtiva), proporcionaram a reconstrução individual da experiência através da retomada de suas histórias de trabalho ao tempo em que me possibilitaram registrar e posteriormente ordenar os dados que serão compartilhados com esses agricultores e agricultoras numa dinâmica problematizadora que contribuirá para (re)pensar a experiência coletiva.

Pensando esse processo confirma-se a necessidade de que a pesquisa seja construída com os sujeitos envolvidos, desenhos prontos encontram limitações ou, se impondo, podem negar necessidades destes sujeitos. Quanto as expectativas iniciais, estas precisaram ser reconstruídas a partir dos achados e da base teórica que os sustenta, concepções foram desfeitas e conceitos ampliados. Para exemplificar essa necessidade de reconstrução pode-se apresentar a problemática de caracterizar ou não a horta como um espaço de trabalho atrelado às formas de produção não capitalista. A experiência demonstra o dinamismo da construção do conhecimento numa pesquisa deste cunho, a idealização ingênua de um trabalho que se concretizasse a partir da ideia limitada de socialismo negava a possibilidade de aquele ser um espaço de trabalho não capitalista.

Ao aproximar-me dos sujeitos e observar o sentido do trabalho para eles e buscar uma compreensão teórica que alcançasse aquela realidade os conceitos se reconstroem. Foi muito comum, na fala dos agricultores e agricultoras, a ideia de que os frutos deste trabalho são para sustentar a vida. A teoria traz o objetivo dado ao trabalho como elemento para caracterizá-lo, tratando da caracterização das economias populares e do trabalho nelas, Tiriba (2001) afirma: “o processo de trabalho não se converte em um instrumento de criação de mais-valia e, tampouco, à própria produção converte-se em processo de reprodução do capital, mas em um processo de valorização do próprio trabalho” (TIRIBA, 2001, p. 120). Estas características se relacionam com a dimensão do objetivo do trabalho, a condições para a sua realização e as relações construídas a partir do mesmo, estão ligadas ao porquê fazer, ao como fazer e ao com quem fazer.

Pensando de forma geral a inter-relação dessas questões, pode-se responder ao porquê fazer afirmando que o trabalho tem como objetivo primeiro a reprodução ampliada da vida. Então, a efetivação de formas não capitalistas de trabalho responde a necessidade de reproduzir amplamente a vida, as formas capitalistas colocam como objetivo do trabalho a reprodução, mais que ampla, do capital e do lucro. O segundo tópico, como fazer, muito distante da lógica capitalista coloca a necessidade de que os meios de produção estejam sobre o controle de quem produz. Terra, instrumentos, sementes, fábrica, máquinas devem pertencer a quem trabalha, ou seja, a quem produz. E o terceiro, mas não menos importante tópico dar-se em consequência destes dois primeiros, as relações estabelecidas entre os envolvidos no processo de produção, relação de cooperação e solidariedade, posturas que vão de encontro a competição, concorrência e disputa inerentes ao trabalho que visa o acúmulo, o lucro.

A respeito dos primeiros achados, estes se constituem em saberes daqueles agricultores e agricultoras, construídos na experiência de trabalhar de um modo e num espaço que concentra importantes características das formas não capitalistas, dentre elas o controle dos meios de produção por quem produz. Essa característica contribuiu para que estes sujeitos construam uma relação com o trabalho que difere muito de experiências que tiveram num universo onde vendiam sua força de trabalho para donos dos meios de produção. Os primeiros achados revelam o processo de transformação/conscientização dos sujeitos que buscaram outros sentidos para o trabalho na experiência com a horta comunitária, com isso eles se aproximam da ideia de "sujeito revolucionário" de Ribeiro (2010), bem como da ideia de Tiriba (2019), que fundamentada em Thompson (1981), afirma que o processo de transformação do sujeito societal pode incorrer enquanto o mesmo produz a sua existência.

A transformação que ocorre na atividade de produzir a existência pode vir tanto de uma situação de exploração, quanto de um trabalho no qual o sujeito se sinta reproduzindo a vida amplamente. Foi o que aconteceu com os agricultores e agricultoras da horta comunitária, alguns perceberam a exploração de sua força de trabalho quando realizavam a atividade para seus patrões, outros experimentaram a autogestão do trabalho na horta comunitária e nesta experiência a comparam com outras. Essa transformação, aqui no agricultor/agricultora, permitiu a escolha pelo trabalho na horta. A conscientização sobre o vivido decorreu de situações que são questionadas e concepções passam a ser construídas na reflexão crítica de suas experiências. Apresento trechos colhidos nos encontros com essas pessoas e que revelaram seus saberes e o jeito de vivenciarem o trabalho. Leninha é uma mulher negra e forte, chefe de família, começou a lida na horta com os filhos e agora também conta com o apoio do companheiro. Fala com satisfação da autonomia para decidir sobre o seu trabalho.

> "Eu quero mil vezes, melhor trabalhar na horta que trabalhar em casa de família. Por que a gente tem a liberdade da gente, na casa de família a gente tem fazer as coisas por ordem do patrão e da patroa, tá entendeno, e aqui na horta da gente não, a gente faz o que a gente quer, o nosso trabalho a gente faz qualquer hora, então, o horário de a gente chegar num tem negócio de ter horário ne casa dos outros..." (Leninha, agricultora da Horta Comunitária de Ipiaú).

No fazer e pensando sobre este fazer a agricultora percebe-se privada da liberdade. Numa construção de liberdade a partir da perspectiva do capital o emprego de doméstica lhe proporcionaria este valor, concederia a liberdade à empregada na perspectiva de que a mesma

vendendo sua força de trabalho, teria renda garantida e consequente autonomia. Contudo, nesta experiência, ao vender a força de trabalho numa estrutura fundamentada na lucratividade é-se explorado e junto à força vendida entrega-se o próprio corpo, além disto a realização do trabalho apenas a partir do determinado pelo outro, o patrão, afanava a liberdade de pensar o fazer.

No trabalho desenvolvido na horta comunitária o privilégio de determinar seu modo de fazer e o tempo dedicado a este fazer ressignificam a ideia de liberdade e conferem a esta atividade a possibilidade de ser pensado por quem a executa, concretiza-se uma das características atribuída por Marx (2013) ao trabalho, se configurar como resultado de um exercício mental. Ao fazer o que o outro quer e consequentemente seguir ordem para realizar uma atividade a exigência para pensar sobre o como fazer é menor ou até anulada descaracterizando o trabalho em seu sentido ontológico.

> "Eu não me costumo mais na rua não, me costumo mais na roça na horta (...) a gente tá livre de tá em casa dos outros. Eu acho que aqui é melhor do que lá em São Paulo, po que aqui eu to ni minha casa, não pago aluguel, o que eu ganhar da pa mim assumi meus filhos minha casa, e lá o curso lá é muito mais caro do que aqui, além deu ganhava um salaro lá eu ainda pagava aluguel, e o trabaio daqui da terra é melhor do que o de faxineira (risos), eu acho que é um seviço melhor po que a gente faz pa gente mermo e o que a gente fazer ta bom, e o de faxinera a gente tem que fazer os jeito que eles quer,(risos) se não fazer não trabaia" (Ana, agricultora da Horta Comunitária de Ipiaú)

Novamente percebe-se, na venda da força de trabalho, a perda da independência na realização de uma atividade e a perda da autonomia, a agricultora celebrava o trabalhar para si mesma. No relato de Ana chama atenção o vínculo entre o contexto da situação do emprego de faxineira e outros aspectos da vida. Embora ganhasse um salário, preço pago pela venda da força de trabalho e indicativo de uma melhor condição de vida, ou seja, o salário lhe possibilitaria um relativo poder de consumo, ela diz sobre inúmeras dificuldades não amenizadas pelo salário. A situação descrita, neste ponto, é relacionada a discussão sobre "reprodução social" versus "reprodução ampliada da vida" TIRIBA (2019), novamente aproximando pode-se afirmar que enquanto faxineira a vida de Ana não se reproduzia amplamente, além de condições materiais precarizadas, a ausência de liberdade na experiência de trabalho não lhe permitia ir-se humanizando.

Tendo apresentados alguns achados importantes é necessário falar da concepção de educação que subsidiou esse processo, a sistematização de experiência, como metodologia para coleta de dados, mas sobretudo como método que provoca, questiona e pergunta sobre o que foi

feito buscando levar a reflexões, se sustenta numa concepção também ampla de formação humana. Este está sendo um processo de formação que exige a construção coletiva, dialógica, emancipatória e uma postura, principalmente do pesquisador, cognoscível. Estas especificações do processo formativo estão presentes no pensamento de Freire (1983).

> Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se "apropriam" dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles. O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e de busca, de que os homens se sentem sujeitos. (Freire, 1983, p. 48).

Processo de formação humana é um movimento contínuo, segue desenvolvendo saberes e práticas que capacitam o ser para viver sua humanidade, o tornar-se humano é ato que se efetiva permanentemente, movimento engrenado pelo coletivo e impulsionado pelo diálogo, nisto gera-se a emancipação. Da forma como é colocada a educação, enquanto se materializa, afirma e confirma nos sujeitos a sua capacidade, no diálogo estabelecido interlocutores sabem e por isso falam, saber e pronunciar ampliam nos sujeitos a confiança, o pensar reflexivo, potencializando-os para pensar e transformar a realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os frutos do processo prático da pesquisa, ou seja, as falas dos agricultores e agricultoras, denominados tecnicamente de dados construídos com os sujeitos, encontram ressonância numa ampla base teórica, pode-se evidenciar que a fala dessa gente da horta são ecos de teóricos como Caldart (2015), Arroyo (1995), Mészaros (2008) e Tiriba (2001). Nestas obras, fala-se sobre a formação humana que se constitui para além dos espaços formais, como a escola. Os dados construídos com os sujeitos são saberes da experiência destes homens e mulheres com o trabalho. Relacionando estes saberes com a teoria estudada, pode-se afirmar que os espaços da vida ou "território de resistência", a experiência ou "o fazer do povo" carregam possibilidades de formação. Enquanto realiza suas atividades em seu território, as pessoas se fazem.

Estes espaços, quando caracterizados como territórios da vida (e não do capital), podem se delinear como lugar da rebeldia, da insurgência, dos "sonhos possíveis" (FREIRE, 2015), da experimentação, da contra hegemonia, da libertação, contra hegemônica, práticas insurgentes, permitindo ao participante ampliar sua compreensão sobre as relações sociais, de poder e de

trabalho. Assim, a horta comunitária de Ipiaú, transformou-se num espaço de reprodução da vida, gerando o pão que alimenta o corpo e a resistência, através de um trabalho que liberta provocando as relações e fazendo brotar vínculos de solidariedade que constrói a emancipação do coletivo.

A concepção apresentada sobre processo de formação humana/educação tem-se concretizado como umas das possibilidades de se construir saberes a partir e uma perspectiva diferente da que vem sendo empreendida pela educação escolar. Educar assume um sentido amplo, permitindo a perspectiva de uma formação partindo da vida. Essa viabilidade de educação se constitui em espaços diversos da prática humana e social, observa-se conhecimentos outros e saberes emancipatórios sendo construídos em espaços não escolares.

Fala-se, sobre a formação/educação que se configura como um processo que alcança diversas dimensões da vida, entre elas as aprendizagens em relação à política, aos direitos e deveres, aprendizagens que partem da ação de trabalhar, do desenvolvimento de habilidades, da prática, da reflexão que leva a soluções para questões coletivas dentre outras dimensões que poderiam ser aqui elencadas. A concretização desta perspectiva de formação não tem se dado em ambientes formais, como a escola, contudo observa-se um movimento de estudos, pesquisas e análises sobre formação humana em ambientes outros que não o institucionalizado.

Se estes espaços promovem a formação humana entendida amplamente, então podem-se se constituir em fonte de conhecimento para a educação profissional problematizar as perspectivas que lhe são impostas pela sociedade capitalista e buscar construir uma formação mais ampla.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. O Direito do Trabalhador à Educação. In: GOMES, Carlos Minayo;

FRIGOTTO, Gaudêncio; ARRUDA, Marcos *et al*. Trabalho e Conhecimento: dilemas na educação do trabalhador – 3 ed. – São Paulo: Cortez; 1995.

CALDART, Roseli Salete. Caminhos para a transformação da escola. *In:* CALDART, Roseli Salete; STEDILE, Miguel Enrique; DAROS, Daiana. Caminhos para a transformação da escola: agricultura camponesa, educação politécnica e escolas de campo. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. 8ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

HOLLIDAY, Oscar Jara. **Para Sistematizar Experiências**. 2 ed. Brasília: MMA, 2006.

MARX, Karl. O Duplo Caráter do Trabalho representando nas mercadorias. *In:* MARX, Karl. **O Capital Crítica a Economia Política**. E-book Boi Tempo Editorial, 2013.

MARX, Karl. O Processo de Trabalho e o Processo de Valorização. *In:* MARX, Karl. **O Capital Crítica a Economia Política**. E-book Boi Tempo Editorial, 2013.

MENDES, Sandra Regina. Do Reino do Sol ao Sul da Bahia. *In:* MENDES, Sandra Regina; ANJOS, Dilson Araújo dos. **Ipiaú:** Histórias da nossa História. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 2006.

MESZÁRÓS, István. **A Educação para Além do Capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

TIRIBA, Lia. **Economia popular e cultura do trabalho:** pedagogia (s) da produção associada. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.